

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O capitalismo ainda não morreu [Capitalism has not yet died]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-08 18:20:03
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161237

Beinstein,² chamaram de fase de senilidade do capitalismo.

IHU On-Line - O senhor acredita que a atual crise irá suscitar uma renovação política mundial? Em que sentido o senhor vislumbra mudanças?

Paulo Nakatani - Eu não acredito em qualquer mudança significativa nessas elites políticas e econômicas, nem vislumbro nenhuma mudança em suas políticas, projetos, propostas e soluções. Eles têm necessariamente que agir em função das necessidades de reprodução do capital. Além disso, as condições objetivas da crise capitalista exigem que eles se mantenham como são, pois as tentativas de reforma do capital encontram suas barreiras na própria crise do capital.

Segundo Marx, os processos históricos não ocorrem de forma espontânea e em uma seqüência definida, como muitos acreditavam. A construção de uma nova sociedade só pode ocorrer quando a classe trabalhadora assumir a tarefa de efetuar essa construção. Os caminhos desse processo não estão pré-determinados; será um processo de busca de alternativas, com erros e acertos, onde todo o poder deve ser exercido pela maioria da população organizada de forma mais democrática possível.

Nesse sentido, considero que alguns países latino-americanos estão, nesse momento, na vanguarda dos processos de enfrentamento ao capital e aos imperialismos norte-americano e europeu. Refiro-me em particular à Cuba, Venezuela, Bolívia e ao Equador. Nos três últimos países, a luta de classes apresenta-se de forma mais aberta e aguda nos quais se observa a interferência direta dos interesses imperialistas associados às burguesias nacionais. A maior novidade nesses países é que os trabalhadores organizados estão assumindo o poder do Estado capitalista para efetuar a revolução socialista e, nesse sentido, a crise financeira é um momento em que esses países podem avançar ainda mais seus processos de transformação.

ca, Ásia e América Latina, também localizada em Dakar. (Nota da IHU On-Line)

² Jorge Beinstein: economista e professor de Economia da Universidade de Buenos Aires. (Nota da IHU On-Line)

O capitalismo ainda não morreu

Para o economista Claus Magno Germer, o atual momento de crise representa apenas uma certeza: a continuidade da barbárie capitalista

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

“As crises não constituem anomalias do capitalismo, mas são uma das suas características mais fundamentais”, diz o economista Claus Magno Germer, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Seguindo a orientação marxista, ele lembra que o economista alemão Karl Marx já advertia: “As crises financeiras não podem ser evitadas, embora possam ser atenuadas, ou acentuadas, em certa medida, pelo Estado”. Segundo Germer, a crise financeira em curso é prova concreta dos ensinamentos de Marx, a respeito da impossibilidade de reverter quadros como o apresentado no decorrer dos últimos meses. Mesmo com a adoção de inúmeras medidas para conter colapsos financeiros, explica, “as crises sucedem-se porque fazem parte da natureza do capitalismo, e são por esta razão inevitáveis”. Marx dizia ainda “que medidas que se destinam a atenuar as contradições do capitalismo em nível apenas as projetam para um nível mais elevado, no qual explodem em crises mais graves”. Nesse sentido, a atual crise financeira, embora assustadora, é seqüência de outras crises monetárias, bancárias e financeiras do capitalismo.

Graduado em Agronomia, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mestre em Economia Agrária, pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, e doutor em Ciências Econômicas, pela Universidade Estadual de Campinas, Germer é professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Experiente na área econômica, com ênfase em teoria monetária e financeira, o pesquisador escreveu a tese de doutorado *Dinheiro, capital e dinheiro de crédito – O dinheiro segundo Marx*.

IHU On-Line - De que maneira Marx pode ser visto como um caminho para entender a natureza do desenvolvimento capitalista?

Claus Magno Germer - A teoria econômica de Marx distingue-se das demais pelo fato de reconhecer o caráter transitório, em termos históricos, do capitalismo. Ou seja, concebe o capitalismo como uma forma de sociedade que não é eterna, mas que nasce e chega a um fim como resultado da ação de causas objetivas que se desenvolvem espontaneamente no seu interior. O enfoque dialético de Marx o levou a procurar identificar as forças motrizes da mudança, e as encontrou nas contradições residentes no âmago do capitalismo, cujo núcleo é a oposição de interesses entre as classes fundamentais – a burguesia e a classe trabalhadora –, que se desdobra em um conjunto de contradições em diferentes níveis e dimensões da sociedade capitalista. No plano especificamente econômico, Marx foi o primeiro autor a conceber as crises periódicas não como fenômenos estranhos ao capitalismo, mas como momentos constituintes do desenvolvimento do mesmo. Portanto, a teoria de Marx nos mostra o capitalismo como uma forma de sociedade que se

transforma e se move, de modo cíclico, em uma direção determinada — a sua própria superação — movida por tensões intrínsecas à sua estrutura.

IHU On-Line - Qual a importância de Marx para fazermos uma crítica à economia política? Como ele contribui para entendermos a crise financeira atual?

Claus Magno Germer - Há duas linhas de crítica de Marx no campo da teoria econômica. Uma delas, a mais importante, é a crítica da economia política clássica, representada principalmente por Ricardo, à qual se refere o subtítulo da sua obra-prima — *O capital: crítica da economia política*. Marx tinha em alta conta os autores mais destacados desta teoria, como Smith¹ e Ricardo, embora deles divergisse em aspectos fundamentais. A outra linha crítica foi endereçada por Marx ao que denominou economia vulgar. Esta era representada, na sua época, pelos precursores do que viria a ser a escola neoclássica. Marx a denominava vulgar porque, ao invés de uma teoria, constituía, no essencial, na sua opinião, um esforço de justificação do capitalismo. Este esforço tinha como núcleo central a negação de características fundamentais do capitalismo, principalmente o trabalho como fonte da riqueza, a instabilidade intrínseca e a propensão a crises periódicas, o caráter transitório do capitalismo, entre outras. A primeira linha crítica foi concluída por Marx e encontra-se consubstanciada em

O capital e está, neste sentido, superada. Conseqüentemente, a importância atual da obra de Marx, no terreno da polêmica teórica, reside na sua crítica à economia vulgar, hoje materializada na teoria neoclássica, como expressão do esforço continuado de justificação do capitalismo e não de compreensão científica das suas características.

No terreno específico das crises do capitalismo, Marx afirmou com clareza e rigor o caráter cíclico do capitalismo, isto é, que este desenvolve-se através de uma sucessão de fases de expansão

**“O Estado e o mercado
são, juntamente com
a economia,
componentes do
sistema integrado que
é a sociedade
capitalista”**

e de retração ou crise. Foi o primeiro autor a rejeitar vigorosamente a chamada lei de Say,² uma das pedras angulares da ideologia de justificação neoclássica, que implica que crises gerais são impossíveis. Uma das alavancas da acumulação e uma das causas fundamentais das crises é o sistema de crédito. Marx distinguiu dois tipos de crises: as crises do setor produtivo, ou crises gerais, e as crises bancárias ou financeiras, que podem ocorrer separada ou conjuntamente. As crises são momentos necessários, porque constituem a solução de contradições inerentes ao processo de acumulação, que se avolumam durante a fase de expansão precedente, até o momento da inevitável explosão. Assim sendo, as crises são vistas como momentos de restabelecimento das condições que viabilizam a continuidade da acu-

mulação, mas que ao mesmo tempo fragilizam moral e politicamente o sistema, porque expõem as suas contradições e fomentam o florescimento das potências teóricas e práticas, transformadoras da sociedade.

IHU On-Line - Em que medida a interferência do Estado pode evitar colapsos como este que está abalando o sistema financeiro atual?

Claus Magno Germer - A resposta marxista a esta pergunta é que as crises financeiras não podem ser evitadas, embora possam ser atenuadas, ou acentuadas, em certa medida, pelo Estado e o Banco Central, como se pode observar na contundente crítica de Marx à lei bancária inglesa da sua época. Esta resposta decorre do exposto acima: as crises não constituem anomalias do capitalismo, mas são uma das suas características mais fundamentais. Elas não resultam de defeitos do capitalismo, mas das suas maiores virtudes. A acumulação, que é a virtude suprema e a razão de ser do capitalismo, conduz periódica e inevitavelmente a crises, crises de superacumulação ou crises financeiras. Uma prova de que as crises não podem ser evitadas é a própria crise financeira em curso, que ameaça converter-se em uma das mais graves crises da história do capitalismo, a despeito da grande quantidade de supostos mecanismos de prevenção de crises, elaborados a partir da grande depressão dos anos 1930 e continuamente aperfeiçoados. Os bancos centrais foram dotados do poder de “regular” a oferta monetária e o crédito, de supervisionar e intervir no sistema bancário; leis foram elaboradas com a finalidade de “disciplinar” o sistema bancário e os mercados de capitais; criaram-se mecanismos automáticos de “contenção” dos pânico financeiros nas bolsas de valores, assim como órgãos encarregados de supostamente assegurar a “transparência” destes mercados; elaborou-se uma lista interminável de indicadores econômicos e financeiros e de modelos econométricos, com a finalidade de antecipar o futuro e prevenir crises etc. A despeito de tudo isto, as crises sucedem-se porque fazem parte da natureza do capitalismo, e só deixarão

¹ Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. A *riqueza das nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento, a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à IHU On-Line número 133, de 21-03-2005. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do *Cadernos IHU Idéias*, de 2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrito por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download no sítio do IHU. (Nota da IHU On-Line)

² Lei de Say: lei econômica, que se manteve como princípio fundamental da economia ortodoxa até a grande depressão de 1930. Foi formulada por Jean-Baptiste Say (1767-1832), economista francês. (Nota do IHU On-Line)

de existir quando o próprio capitalismo deixar de existir.

Uma crise sem fim

Marx insistiu em afirmar que todas as medidas que se destinam a atenuar as contradições do capitalismo em um nível apenas as projetam para um nível mais elevado, no qual explodem em crises ainda mais graves. A experiência das últimas décadas parece uma comprovação desta afirmação. Muitos dos mecanismos que impedem a eclosão da crise em dado momento têm apenas o efeito de adiá-la, permitindo com isto que o seu potencial destrutivo cresça mais. Deve-se lembrar que a crise atual é apenas mais uma de uma seqüência de crises monetárias, bancárias e financeiras que acometem o capitalismo, na nossa época, desde os anos 1960, com intensidade crescente.

IHU On-Line - Se Marx previu a natureza da economia mundial no início do século XXI, com base na análise da "sociedade burguesa", 150 anos antes, que espécie de previsões podemos fazer para nossa economia a partir da sociedade que temos hoje, baseada em valores consumistas e na autonomia?

Claus Magno Germer - Marx foi um cientista, não um profeta. Elaborou uma representação teórica do capitalismo. Se a teoria de um fenômeno o representa adequadamente, ela permite antecipar a ocorrência das principais características do desenvolvimento do fenômeno. A teoria de Marx sobre o capitalismo é uma teoria deste tipo, motivo pelo qual lhe permitiu não só explicar a natureza do capitalismo e do seu funcionamento, como ainda antecipar características que só se tornaram visíveis mais tarde. Além do seu pioneirismo na admissão e explicação teórica das crises, Marx explicou e antecipou o processo geral de centralização do capital que está na base da fase monopolista do capitalismo, inaugurada no final do século XIX; explicou a tendência, amplamente comprovada, de queda cíclica da taxa média de lucro; antecipou e fundamentou teoricamente a existência permanente do desemprego no capitalismo; antecipou o processo de proletarianização crescente da população,

“Os dois ou três trilhões de dólares das operações de salvamento articuladas até este momento pelos governos dos países capitalistas centrais destinam-se a salvar instituições financeiras, mas nada ou muito pouco se diz sobre o destino dos devedores não-capitalistas e dos trabalhadores lançados no desemprego”

que pode ser ilustrado pelo crescimento contínuo da proporção do proletariado industrial na população, que passou de apenas cerca de 5% da população mundial no início do século XX para mais de 30% no início do século XXI; antecipou o processo de aumento da polarização entre uma minoria de ricos e uma maioria de pobres, que é ilustrada cotidianamente nos meios de comunicação pelas estatísticas da pobreza e da miséria em escala continental, abarcando pelo menos dois terços da população mundial atual. Estes dados ilustram a antecipação mais importante que decorre da teoria de Marx: de que a intensificação progressiva, embora cíclica, da contradição entre a socialização crescente do trabalho e da produção, isto é, da riqueza, e a privatização crescente desta riqueza e sua concentração nas mãos de uma minoria cada vez mais diminuta, representa o crescimento das potências transforma-

doras inerentes ao capitalismo e conducentes ao seu fim. Esta contradição se resolverá, por imposição das circunstâncias, através da abolição da propriedade privada dos meios de produção e a instituição da propriedade social, e da conseqüente abolição do motivo egoísta do lucro como base da regulação do trabalho e da produção social e sua substituição pelo critério do atendimento das necessidades da coletividade, em uma palavra, através do socialismo.

Portanto, embora não se possa fazer previsões precisas, dada a complexidade do processo histórico, o que se pode dizer com base na teoria de Marx é que o capitalismo continuará apresentando uma seqüência de expansões e crises, ao longo das quais as contradições enumeradas acima se acentuarão, também de modo cíclico, ampliando a instabilidade global do sistema.

IHU On-Line - Qual a importância do Estado e da regulação dos mercados para recuperação da ordem financeira internacional?

Claus Magno Germer - O marxismo não é ingênuo em relação à natureza e funções do Estado. O Estado e o mercado são, juntamente com a economia, componentes do sistema integrado que é a sociedade capitalista. O Estado é um órgão do capital, isto é, de representação dos interesses da classe capitalista. Conseqüentemente, os instrumentos de regulação que utiliza destinam-se a preservar os interesses e o domínio desta classe e do processo de acumulação de capital. Nas crises, a ação do Estado consiste em socializar os custos, isto é, “sanear” a contabilidade de bancos e empresas mais atingidos, lançando o passivo sobre a sociedade, especialmente sobre os trabalhadores e pobres em geral. É o que está ocorrendo atualmente: os dois ou três trilhões de dólares das operações de salvamento articuladas até este momento pelos governos dos países capitalistas centrais destinam-se a salvar instituições financeiras, mas nada ou muito pouco se diz sobre o destino dos devedores não-capitalistas e dos trabalhadores lançados no desemprego, ou sobre a origem destes recursos.

IHU On-Line - A crise financeira pode suscitar uma renovação na política mundial?

Claus Magno Germer - Uma mudança substancial na esfera política mundial é possível e desejável. Mas a renovação mais importante não consistiria em uma nova instrumentalização da intervenção do Estado capitalista na economia. Quaisquer que sejam as características desta intervenção, ela destina-se sempre a assegurar os interesses da classe capitalista e da acumulação, em detrimento dos da classe trabalhadora e da população em geral. A renovação desejável é de outra natureza. As últimas duas décadas, pelo menos, foram palco do desfile triunfal, sem contestação significativa possível, da ideologia das excelências do mercado, isto é, do capital. A classe trabalhadora e suas necessidades e aspirações viram-se reduzidas a um apêndice sem importância. A intensificação da exploração da força de trabalho e o aumento do empobrecimento em massa atingiram todos os continentes. O desemprego em massa provocado pelo processo geral de reestruturação técnica e econômica do capital, a nível mundial, jogou os trabalhadores na defensiva e os condenou a assistir, com pouca ou nenhuma resistência possível, à abolição de direitos duramente conquistados em quase dois séculos de lutas renhidas. A expectativa otimista é que o fracasso das promessas grandiloquentes de abundância e felicidade eternas, por parte dos ideólogos do “livre mercado”, nas últimas décadas, expresso em uma crise catastrófica mundial como pode ser a atual, poderá reabrir o debate crítico, teórico e político, sobre a natureza real do capitalismo, sobre as suas imensas contradições, e fazer renascer a consciência da necessidade, e mais ainda da possibilidade real, da sua superação.

Com efeito, manifestações explosivas de descontentamento popular com o capitalismo na sua configuração atual surgem em todos os continentes nos últimos anos. Elas ainda não adquiriram a densidade suficiente para converter-se em um movimento consciente de transformação em direção ao socialismo, mas sua potencialidade neste sentido é indubitável e crescente. Esta é a única renovação política real que se pode vislumbrar. Fora ela, o que se pode vislumbrar é apenas a continuidade da barbárie capitalista atual.

O vexame da economia da bolha financeira é também o vexame da esquerda pós-moderna

Para Robert Kurz, o Estado não pode estancar a desvalorização, mas apenas administrá-la

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

Quando aceitou conceder a entrevista a seguir por e-mail para a **IHU On-Line**, o ensaísta alemão Robert Kurz admitiu que preferia analisar a crise financeira por si só, ao invés de relacioná-la com as teorias de Marx, como foi nossa proposta. E ele acabou conseguindo nos presentear com uma rica e profunda análise do crítico período financeiro pelo qual passa nosso mundo, sem deixar de ressaltar a importância de Karl Marx para compreendermos essa fase. Nas suas respostas, Robert Kurz afirma contundentemente que “os recursos materiais e os agregados científico-tecnológicos, bem como as capacidades e necessidades humanas não podem mais ser comprimidas nas formas básicas do capital. Ou, como Marx o formulou nos ‘fundamentos’, ‘desaba o modo de produção baseado no valor de troca’; manifesta-se a ‘desvalorização do valor’ enquanto limite histórico da valorização do capital”.

Nascido em 1943, Kurz estudou Filosofia, História e Pedagogia. É cofundador e redator da revista teórica *EXIT! – Kritik und Krise der Waren-gesellschaft* (*EXIT! – Crítica e Crise da Sociedade da Mercadoria*). A área dos seus trabalhos abrange a teoria da crise e da modernização, a análise crítica do sistema mundial capitalista, a crítica ao Iluminismo e a relação entre cultura e economia. Publica regularmente ensaios em jornais e revistas na Alemanha, Áustria, Suíça e Brasil. Entre seus livros publicados em português, citamos *O colapso da modernização* (São Paulo: Paz e Terra, 1991), *O retorno de Potemkin* (São Paulo: Paz e Terra, 1994) e *Os últimos combates* (Petrópolis: Vozes, 1998).



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Em que sentido as teorias de Marx são importantes para se compreender o atual momento de crise no sistema financeiro global?

Robert Kurz - A importância da crítica da economia política feita por Marx, para se explicar a grande crise financeira atual, evidencia-se inicialmente em dois níveis: por um lado, um aspecto fundamental é sua derivação da forma monetária no primeiro volume de *O capital*; por outro, em sua análise do crédito, principalmente no terceiro volume. Nessas questões, aqui, somente poderei tratar alguns pontos elementares. A economia burguesa clássica e neoclássica parte, contrafaticamente, de uma pura economia de bens e de relações naturais de troca entre os sujeitos do mercado. Ela abstrai do dinheiro e fala do “véu do dinheiro” sobre as transações